

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semestre 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-
Estrangeiro (união geral dos correios).....	5\$000	2\$500	-	-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 92

11 DE JULHO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados de seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARY

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. —

José Alberto de Oliveira Anchieta, BRITO REBELLO

— Marquez de Angeja, G. L. — Alberto Osorio de

Vasconcellos, G. L. — Centenario de Stephenson, R.

— Lourenço Marques, AUGUSTO DE CASTILHO — Cam-

panha do Transvaal, AUGUSTO DE CASTILHO — João

Paes de Vasconcellos, novo governador de Cabo

Verde, G. — Congressos

Anthropologico e Literario, trabalhos dos congres-

so, R. — Apontamentos para

a vida do Diabo, DELPHIM

D'ALMEIDA — Publicações.

GRAVURAS. — José Alberto

de Oliveira Anchieta, ex-

plorador na Africa Portu-

guesa — Marquez de An-

geja — Alberto Osorio de

Vasconcellos — Africa Por-

tuguesa, Lourenço Mar-

ques, vista de nordeste —

Centenario de Stephen-

son, George Stephenson, A

primeira locomotiva, o pri-

meiro wagon de passagel-

ros, a primeira estação em

Liverpool, casa onde nas-

ceu Stephenson em Wylam

— Campanha do Trans-

vaal, Evacuação de Laing's

Nek pelos Boers — João

Paes de Vasconcellos, novo

governador de Cabo Verde

— Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A imprensa de Lisboa tem-se occupado quasi que exclusivamente, n'estes ultimos dias, da prisão do sr. Gomes Leal, pronunciado pelo crime d'abuso de liberdade da imprensa, injurias á pessoa do rei, e incitação á revolta. Deu origem á pronuncia um poemeto publicado ha mais de tres mezes, e que tem já duas edições, intitulado *a Traição, carta a el-rei D. Luis*, acerca do tratado de Lourenço Marques. Creio que já fallámos em tempo aos nossos leitores d'esse folheto, que fez certa sensação pela violencia com que era escripto, mas que esqueceu

depressa e passou completamente, não deixando outros vestigios senão uma multidão de folhetos insignificantes que appareceram a responder, e a querella que fez agora ir parar o seu auctor ao Limoeiro.

A *Traição*, do sr. Gomes Leal, como obra litteraria tem versos magnificos que demonstraram mais uma vez o notavel talento poetico do seu auctor, como obra politica não teve alcance algum, prejudicou-se completamente pelo

excesso da violencia na linguagem, excessos justificadissimos nas gigantes estrophes politicas de um Victor Hugo a um Napoleão III, mas intempestivos e quasi comicos, no meio da nossa vida pacata, socegada, erma de perseguições tyrannicas, de despotismos sangrentos.

Os grandes cartazes collados nas esquinas de Lisboa annunciando a obra, a prodigalidade e franqueza com que ella se ostentava nas vitrines dos livreiros faziam cahir comple-

tamente por terra as apostrophes violentas que estouravam em bellos alexandrinos, e toda a gente, que conhecia mais ou menos Gomes Leal, que vivia na intimidade d'esse excellente e alegre rapaz, sorria ao ouvil-o censurar rijamente a geração moderna por não saber rir como Voltaire, amar como Romeu, sofrer como Jesus e odiar como elle, e involuntariamente, uma boa gargalhada sonora acudia aos labios, quando se liam estes dois alexandrinos a trasbordar coleras sanguinolentas, odios implacaveis:

Eu por mim homem duro, não sei perdoar,
Se com ferro me ferirem, com ferro hei de matar.

E o folheto passára. Que Gomes Leal tinha muito talento todos acreditaram, porque o conheciam, que elle era homem duro e não sabia perdoar, ninguém acreditou pela mesma razão. Fallou-se na *Traição* o tempo sufficiente para se esgotar a primeira edição, e depois vieram mil e uma preocupações de momento, as eleições, o *Pipertin*, o Cometa, a Thomasia Veloso e a Amelia Garraio, e ninguém mais pensou no terrivel folheto.

Mas eis que de repente a *Traição* e o sr. Gomes Leal voltam de novo, e mais ruidosamente do que nunca a attrahir, todas as attentões.

Se estivessemos na America, na terra legendario do Puff, iriamos jurar que tudo isto fôra um reclame colossal para promover a venda da 2.ª



JOSÉ ALBERTO DE OLIVEIRA ANCHIETA, EXPLORADOR NA AFRICA PORTUGUEZA

Segundo uma photographia

edição do livro, já cahido no esquecimento. Não foi, infelizmente para a liberdade do sr. Gomes Leal e para o tacto político das autoridades portuguesas, não foi um réclame.

Effectivamente o sr. Gomes Leal, foi legal e realmente preso por ter escripto e publicado ha tres mezes o folheto a *Traição*, de que se venderam já duas edições, e que enquanto o seu auctor está preso nos *ferros d'El-Rei* anda passeando ainda livremente pelas montes de todas as livrarias e dando boas esperanças de terceira e breve edição.

Tudo isto é muito original e faz crer que os tribunaes acham muito perigoso o sr. Gomes Leal, pessoalmente, e innocentissimo o seu livro.

Em qualquer parte do mundo quando apparece á venda qualquer livro, qualquer publicação, que vae d'encontro ás leis vigentes, que por qualquer forma pode ser um perigo ou um attentado, as autoridades, a primeira coisa que fazem é apprehender todos os exemplares d'essa publicação, reservando o direito de, depois, com mais vagar, ajustar as contas com o seu auctor.

Pois em Lisboa não senhor. Apparece um livro que insulta o primeiro magistrado do paiz, e incita o povo á revolta, e vão as autoridades o que fazem? Deixam esse livro incitar o paiz á rebellião durante tres mezes, deixam o insulto correr todas as mãos durante noventa dias, e no fim d'esses noventa dias, quando o paiz tem já obrigação de estar bem incitado, e o insulto bem publico, mettem o auctor no Limoeiro deixando á cautella o livro ainda cá por fóra, não ficasse ainda algum cidadão por incitar.

Tudo isto é originalissimo, e nós que somos apenas e simplesmente chronistas, que deixamos de boa vontade a toda a gente a philosophia da coisa, e a discussão politica do facto, lamentamos unicamente, que, havendo tanto quem tenha feito os commentarios, a defesa, e a accusação do procedimento das autoridades, não houvesse ainda, quem lhe fizesse a musica.

— A prisão do sr. Gomes Leal prejudicou altamente o *Cometa*, já ninguem faz caso d'elle. Deve-se dizer tambem que este astro errante nunca teve lá grande popularidade entre a aristocracia scientifica de Lisboa.

Os sabios incommodaram-se muito pouco com elle, e ligaram-lhe pouca importancia.

Em Paris este bello astro que teve a honra de annunciar ao mundo o nascimento do Christo e agora a prisão do auctor do Anti-Christo, teve um acolhimento muito mais lisonjeiro.

Os oculos dos observatorios fitaram-se n'elle com a insistencia com que os binoculos em S. Carlos se fitam sobre alguma cantora bonita, os astrónomos dedicam-lhe artigos enormes, e houve até dois sabios que foram lá acima, em balão, com a idéa delicadissima de lhe deixarem os seus bilhetes de visita.

Estes dois amabilissimos sabios, o sr. Wilfrid de Fourcelle, e Henri Liépmann, aquelle vice presidente da academia d'aerostação meteorologica, este redactor do jornal a *Electricidade*, levaram consigo, para analysar o cometa, nas regiões superiores da atmosphera, aparelhos electricos.

A ascensão fez-se á 1 hora da noite, e ás 3 horas e meia da manhã o balão desceia perto de Rambouillet, com os dois aerostatas, que trouxeram lá de cima notas curiosas ácerca do novo hospede do ceu europen.

Em Lisboa ninguem subiu a uma cadeira, quanto mais a um balão para vêr o cometa, e elle, despedido talvez, vae desaparecendo do azul, como que apagado pouco a pouco com uma borraça, e dentro em breve, era uma vez cometa.

— A opinião publica felizmente começa a preoccupar-se com a annunciada exposição de artes retrospectivas que se deve realizar em Lisboa proximamente.

A commissão organisadora está já nomeada; nomeada ameçadoramente, porque é muito grande, toda a população de Lisboa, e mais algumas pessoas da provincia.

Ora nós comprehendemos perfeitamente a necessidade d'esta commissão ser muito numerosa, porque é necessario obter de variadissimos pontos objectos que devem figurar na exposição e que estão dispersos por todo o paiz; mas o que nos assusta é a legendaria tradição que tem enraizado no nosso paiz as commissões em geral, e em particular as commissões grandes.

Entretanto — e vae parecer isto uma contradicção flagrante — achamos ainda pequena a commissão sob o ponto de vista artistico; pequena não dizemos bem, incompleta; porque nos parecem faltar n'ella especialistas de alguns dos variadissimos e difficéis ramos das artes retrospectivas.

A exposição é de organização muito laboriosa e complicada, e o catalogo de difficil e gravissima confecção.

Para arrostar com estas difficuldades são necessarias muitas boas vontades reunidas, e uma grande collectividade de conhecimentos variadissimos.

— Vae-se embora dos Recreios a companhia do Principe Real do Porto que ali esteve representando. A companhia regressa aos *patrios lares* e dá hoje, ao que parece, o seu ultimo espectáculo.

Lisboa foi para ella d'uma amabilidade excepcional e imprevista.

A companhia é muito regular, tem artistas de muito merecimento, como a sr.^a Amelia Garraio, que é uma actriz muito graciosa, com talento, e com uma voz muito agradável e afinada, a sr.^a Thomasia Velloso, já nossa conhecida uma deliciosa actriz de opera comica, e de comedia, a sr.^a Delmira Mendes, uma creança dotada de vivacidade alegre, pouco vulgar nas actrizes portuguezas, e actores muito apreciaveis como Gama, Foito e Firmino, mas apesar d'isso; o *sucesso* que a companhia teve excedeu tudo que havia a esperar, e as suas recitas eram concorridas, animadas, com um interesse, uma alegria, um bem estar de quem se diverte, como só vimos nos tempos aureos da companhia franceza da Preciozi e da Marie Denis.

O segredo d'esse *sucesso* está em parte, na veia imprevista do nosso publico, que um bello dia enriquece a Paladini no theatro do Principe Real, para d'ali a noites deixar Pezana, a maior artista italiana que tem vindo a Lisboa depois da Ristori, a representar aos bancos, e parte na maneira porque a companhia do Porto é ensaiada e dirigida, pela animação, vida, alegria, que ha nos artistas, nos coristas, nos comparsas, na *mise-en-scène*.

Em suma a companhia vae para o Porto muito contente com os lisboetas, e nós ficamos tambem muito contentes com ella, que nos cortou, ao menos por quinze dias, a monotonia das nossas noites de verão limitadas ás Amoreiras pela zabumba da feira, e ao Passeio pela bengala do sr. Justino Soares.

— O Coliseu de Lisboa teve dó da capital e inaugurou uns concertos populares em que nos dá musica classica bem tocada, pelo preço que o realejo nos toca mal a *Traviata* e a *Sr.^a Anjol*.

O publico irá lá? Não sei, mas tenho medo dos preços muito baixos.

Em Lisboa frequentam-se ordinariamente os divertimentos menos para a gente se divertir do que para ostentar muitas moedas de cinco tostões, e vêr quem está.

Quando uma cadeira representa dez tostões ou um quartinho todos a compram como quem diz ao seu proximo — vê? Eu cá sou rico, sou abastado, graças a Deus tenho dinheiro, gasto dez tostões n'uma noite.

Quando uma cadeira custa um tostão, o publico envergonha-se de lá ir. E' verdade que as do Coliseu custam quatro.

Ponham a sr.^a Borghi-Mamo a cantar n'um theatro, a pataco o lugar, e ponham a sr.^a Canaria, por exemplo, que anda agora em moda no humorismo dos nossos jornaes, em S. Carlos, a libra a cadeira, verão como S. Carlos se enche, e a sr.^a Borghi-Mamo canta n'um deserto.

Creio que o sr. Freitas Brito, abundando

n'estas ideias vae este anno fazer esta experiencia em S. Carlos. O elenco da companhia escripturada deixa transparecer muito este intento.

GERVASIO LOBATO.

JOSÉ ALBERTO D'OLIVEIRA ANCHIETTA

I

Ha homens para quem a vida é um continuo desabrochar de flores, que não conhecem d'ella, nem querem conhecer senão tudo aquillo que pode satisfazer os seus desejos, gostos, appetites e vaidades; ha outros que entregando-se a uma constante agitação, parecendo que exercitam um trabalho indefesso e util, dedicam o seu tempo a afastar os homens do verdadeiro caminho que tem a trilhar, a poverem-lhes o seu raciocinio, a estragar-lhes o viver pelo desvio que imprimem ás suas faculdades. Outros ha, que sabendo que o progresso é uma lei infallivel e permanente da humanidade, que as revoluções quer physicas quer moraes se operam no mundo por periodos lentos e incomensuraveis, que não é dado a nenhum homem perturbar, e que os abalos sociaes, que ás vezes estremeceem uma ou outra fracção da humanidade, são movimentos ephemeross e inconsistentes semelhantes ás irrupções vulcanicas, que se extinguem em breve, voltando tudo á marcha lenta e regularmente providencial, põem de parte tudo aquillo de que se não pôde tirar vantagem immediata, e applicando as suas faculdades sem descanso, ao desenvolvimento do saber humano, vão cada dia trazendo ao inventario das sciencias o obulo immenso, que vae pouco a pouco dissipando as trevas dos espiritos e dessiminando n'elles torrentes de luz.

Quantos d'estes trabalhadores utilissimos não tem passado quasi desapercibidos no mundo, ao lado de grandes reputações, e nomes deslumbrantes que na essencia só foram apostolos prejudiciaes? quantos não tem arrastado uma vida crua, cortada de privações, dessaborida de gosos, embora sempre util, enquanto outros fartos, regalados, repletos e contentes, gosam do favor do publico e da sua aura, apesar de o explorarem constantemente?

Embora! Essas reputações ephemeross, desfazem-se, diluem-se e extinguem-se ao primeiro golpe do raciocinio, e d'ellas muitas vezes não resta mais, que uma escassa e pouco grata memoria, ao passo que os primeiros crescendo e medrando em vulto a cada passo do tempo, agigantam-se por fim, e é o futuro quem os vinga da ingratidão ou indifferença do presente.

Estes pensamentos, que por fim não são novidade nenhuma, nos acodem sempre ao espirito quando paramos a contemplar a vida de um homem, com quem brincamos infante, com quem rimos na juventude, e com cujas excentricidades tanto nos deliciava-mos na adolescencia.

Pena é que nem o tempo, nem o espaço nos permitam tratar com todo o pormenor, não já a parte scientifica d'essa vida de abnegação e desprendimento, para o que não somos sufficientemente competentes, mas ou menos a vida passada em commum, librada entre mil peripecias, mais ou menos engraçadas e varias, com que dariamos a conhecer uma das individualidades mais ricas, poderosas e extraordinarias do nosso paiz nos ultimos tempos.

Não ha homem de sciencia, nacional ou estrangeiro, que não, conheça e venere o seu nome, não ha explorador ou viajante do sertão de Africa que não tenha tido occasião de observar aquella organização especial e singularissima; é um nome respeitado e respeitavel, e comtudo já o temos visto injusto e ingratamente tratado.

A humanidade é assim: quasi sempre apedreja os justos e eleva á apothese os *esportos*.

II

Conta Victor Hugo nos Miseráveis que um dia dissera um ministro a Napoleão I que havia visto o homem mais intrepido da França, o grande homem ficou surprehendido e perguntou rapidamente o que havia feito esse homem, ao que o ministro respondeu que queria visitar toda a canalisação de Paris: era Bruneseau, a quem se devem os melhoramentos d'ella.

Se algum dia regressar á patria, todo o paiz deve desejar ver o portuguez mais corajoso que tem ido á Africa n'este seculo e poderá conhecer então pessoalmente José Alberto d'Oliveira Anchieta.

Este homem, uma das maiores excentricidades que Portugal tem gerado conta perto de 49 annos, pois nasceu a 9 de outubro de 1832.

Foram seus paes, José Maria Anchieta Portes Pereira de Sampaio, antigo official de cavallaria e que falleceu reformado em general de brigada, senhor de um morgado em Setubal e D. Maria do Carmo d'Oliveira, ambos descendentes de distintas familias.

Desde os mais tenros annos manifestou José Anchieta, as duas feições caracteristicas da sua physionomia moral, o desejo de saber e a excentricidade de maneiras. Ou por que seu pae gentilhomem galanteador e despreocupado não attentasse com verdadeiro interesse na educação do filho, ou que o natural d'este se não prestasse docilmente á disciplina, é certo que os seus estudos foram irregularmente conduzidos e quasi ao sabor da phantasia do filho, não obstante a grande intelligencia e talento que os professores encontravam n'aquella, aliás, estimavel criança.

Seu pae, como militar que era, obteve que seu filho entrasse para o real collegio militar, onde tivemos a ventura de o conhecer e com elle travar estreita amizade que o tempo cada vez mais robusteceu. Não se demorou elle muito tempo alli, porque declarou ao pae que aborrecia aquelles habitos e a obrigação de ter que fazer continencias a toda a gente.

Mais tarde foi para a universidade de Coimbra com destino a formar-se na faculdade de mathematica, mas falta de regularidade nas mesadas obrigaram-no a abandonar aquelle destino.

Alguns annos depois de havermos concluido o curso do collegio militar, e frequentando a escola polytechnica de Lisboa, fomos por segunda vez collega de José Anchieta, e por tal signal nos recorda de ter sido mandado sair da aula de physica, uma vez, porque usando o cabello muito comprido e estando constantemente a levantar e abaixar a cabeça, parecendo ora um leão de farta juba, ora escondendo a cara por traz das fartas mellenas, fazia rir a todos, o que penechido pelo sr. dr. Pegado lhe deu motivo para aquella resolução que não teve mais consequências.

Outra vez, pelo entrado ideou uma brincadeira que nenhum mal fazia. Quando passava qualquer pessoa pela Escola, corria da porta d'esta, em frente da travessa do Pombal, em direcção a essa pessoa, mas quando ia proximo d'ella desviava a carreira em direcção á porta da Imprensa Nacional. O individuo apenas apanhava um susto e o rapazio ria. Uma sentinella porém não gostou da graça, prendeu Anchieta e entregou-o ao cabo da guarda. Grande balburdia entre os estudantes, e acendendo ao barulho pudemos restabelecer o socego, convencer a guarda da tolice que tinha feito, e obter a soltura de Anchieta antes de ser levado á presença do Director. D'alli em diante quando appareciamos pegava-nos ao collo chamando-nos seu libertador, seu salvador.

Quando conheceu que seu pae tinha dissipado o morgado que devia herdar, e alguém lhe aconselhava que se prevenisse contra o futuro, respondia encolhendo os hombros, que sempre havia de viver. Que me importa o que havia de herdar de meus avós? o merecimento é a gente ganhal-o por suas mãos.

Uma noite vindo para casa com um amigo

são aggreddidos por uns desordeiros e recebe cada um sua facada. A de José Pedro Nunes era um tanto ligeira, a de Anchieta tinha, porém, certa gravidade. Recolhidos ao hospital, de noite levantou-se, veio para a cabeceira de Nunes fazer-lhe largas considerações sobre o nada que era a vida, que este mundo era transitorio, que ninguém devia ter receio de sair d'elle, etc. José Pedro que estava levemente ferido, em vista d'aquella pratica julgou-se ás portas da morte, atterrou-se deveras Anchieta não pensava na ferida!

(Continúa)

BRITO REBELLO.

O MARQUEZ DE ANGEJA

Falleceu no dia 1 d'este mez, depois de um longo padecimento, que ha muito tempo fazia prever, para cada hora, este triste descalço, o sr. D. Gaetano d'Almeida e Noronha Camões Albuquerque Moniz de Sousa Portugal, 8.º conde de Peniche e 7.º marquez de Angeja.

O marquez de Angeja teve a sua hora de celebridade nos ultimos annos da nossa historia politica, e foi o principal vulto de um movimento revolucionario que abortou, mas a que deu o seu nome, e que ficou sendo conhecido pela *Penichada*.

Descoberta a conspiração revolucionaria, alguns dos seus motores foram presos, outros fugiram, todos foram processados e condemnados, e por fim, d'alli a tempo, amnistiados pelo poder moderador.

D'então para cá, o sr. marquez de Angeja conservou-se afastado da vida publica; e minado pelo desgosto enorme da perda de tres filhos seus, que morreram em curto espaço de tempo, e pela doença a que succumbiu, nunca mais o seu nome figurou nas luctas politicas.

O sr. marquez de Angeja tinha 61 annos, era um homem muito illustrado, affavel, de grande actividade e energia, e não tinha só adeptos fervorosos na politica, tinha tambem muitos amigos sinceros e dedicados.

Era filho do conde de Peniche, D. Manuel d'Almeida e Noronha e de D. Isabel Telles da Silva, filha do marquez de Penafia, Fernandes Telles, e nasceu em Lisboa a 12 de março de 1820.

O titulo de conde foi-lhe conferido no dia da morte de seu pae, a 24 de março de 1824, pelo ministro do reino, conde de Suberra, e o de marquez foi-lhe conferido por decreto de 22 de maio de 1829, e tinha-o havido de direito a 30 de dezembro de 1849, por morte da marquez de Alvim, ultima irmã do marquez de Angeja, D. João de Noronha Camões Albuquerque de Moniz e Sousa, que deixou uma filha, que foi a 6.ª marquez de Angeja e que morreu sem successão.

O titulo de marquez de Angeja tinha-o de parente com juro e herdade desde o 4.º marquez, D. José Xavier de Noronha, a quem fora confiado por el-rei D. José, depois da conspiração dos Tavoras, era commendador da ordem de Christo, graça que lhe foi concedida em attenção aos importantes serviços que seu pae prestou durante a guerra da Península, na qualidade de ajudante do general Beresford, e possuía a grã-cruz de Carlos III, de que recebera mercê em 1820.

O sr. marquez de Angeja formou-se em direito na Universidade de Coimbra em 1842, e inscreveu-se em 18 de outubro do mesmo anno, como advogado nos auditórios de Lisboa.

De agosto de 1849 a 1851 exerceu o lugar de governador civil de Evora.

Em 1854 tomou assento na camara dos pares por direito de hereditariedade, legado por seu avô, feito par pelo imperador D. Pedro IV em 1821.

Foi, durante 11 annos, secretario da mesma camara. Quando em 1871, o marechal duque de Saldanha fez a celebre e triste revolta de 19 de maio, o marquez de Angeja entrou para a pasta das obras publicas no ministerio do marechal, juntamente com os srs. Sampaio, Dias Ferreira, D. Antonio da Costa e D. Luiz da Gama Leme, e pediu a demissão em agosto do mesmo anno, sendo nomeado logo em seguida ministro plenipotenciario para Bruxellas e Haia.

Em 10 de março de 1871 voltou a Portugal, sendo collocado na disponibilidade; em novembro do mesmo anno foi pronunciado pela camara dos pares como factor da revolta.

O marquez de Angeja tomou parte activa na revolta de janeiro de 1868, e dirigiu a agitação geral do paiz n'essa epoca.

G. L.

ALBERTO OSORIO DE VASCONCELLOS

A morte de Osorio de Vasconcellos foi uma das maiores perdas que ultimamente tem soffrido o jornalismo e a politica portugueza.

Osorio de Vasconcellos que na camara e no jornal era um dos mais valentes e entusiastas luctadores, desapareceu na força da vida physica e intellectual, exactamente no momento em que mais havia a esperar das suas poderosas faculdades de escriptor e de parlamentar, da illustração solida do seu espirito robusto, das raras

aptidões para o trabalho e para o combate, que havia no seu temperamento de athleta.

Alberto Osorio de Vasconcellos, descendente de uma illustre e estimada familia da Beira, nasceu em 1842, e começou a sua educação no collegio da Conceição á Estrella, onde foi condiscipulo d'esse grande e notavel escriptor Pinheiro Chagas, que mais tarde foi seu condiscipulo tambem na Escola Polytechnica, e depois collega nas redacções da *Gazeta de Portugal*, *Jornal do Commercio*, *Revista Contemporanea*, *Revista do Seculo*, *Panorama*, e finalmente, na camara dos deputados.

Em 3 de agosto de 1861, aos 19 annos, sentou praça no corpo de engenharia, d'onde agora era capitão, e começou a cursar a Escola Polytechnica com muita distincção, applicando-se profundamente ao estudo das mathematicas, chegando mesmo a descobrir uma curva nova, a que os collegas, e elle mesmo, por troca, pozaram o nome de *cucurbitacea*, porque tinha o feito de uma abobora, como conta Pinheiro Chagas, no magnifico artigo que consagrou á memoria do seu illustre e infeliz collega.

Foi por esse tempo, que o demonio da litteratura começou de volta com elle. Uma bella manhã, nos intervallos das aulas do 1.º anno, Osorio de Vasconcellos fez a Pinheiro Chagas, que n'esse tempo era já considerado como litterato, uma confidencia assombrosa.

Osorio de Vasconcellos tinha feito uns versos, uns versos que começavam assim:

Tibio o sol no horizonte
Frouxos raios despedia;
Por traz das grimpas do monte
Pallido desapparecia;
Pouco a pouco se sumia
Tibio o sol no horizonte.

D'alli a pouco tempo Chagas, que entrara para a redacção da *Gazeta de Portugal* como folhetinista, apresentava a Teixeira de Vasconcellos um folhetim scientifico, assignado *Sylvius*.

Sylvius era o primeiro pseudonymo do escriptor, que então se estreitava, e que dentro em breve havia de dar ao jornalismo e á politica portugueza mais um nome illustre — o de Osorio de Vasconcellos.

A vida jornalística de Alberto Osorio começou assim; a sua vida politica principiou em 1869, quando era ministro o marquez de Sá da Bandeira, que o estimava muito, que conhecia bem o seu caracter e as suas raras aptidões, e fizera d'elle seu secretario.

D'então para cá a politica absorveu-o completamente, tomando logo lugar notavel na camara com os seus discursos brillantes, de uma eloquencia espontanea e vehemente, pouco mais quiz saber da litteratura, que enriquecera com livros muito apreciaveis — *Baladas dos Portuguezes*, *Carta de um eremita do Chiado*, acerca da questão do bom senso e bom gosto, levantada pelo prefacio do visconde de Castilho ao *Poema da Mocidade*, varios contos e romances em jornaes litterarios, avultando entre estes a *Galathéa moderna no Panorama* e as *Cartas a uma senhora no Archivo Pittoresco*.

Na politica Osorio de Vasconcellos, com o seu grande espirito lucido, fez-se o defensor ardente e vigoroso das modernas idéas democraticas, e fundou em 1872 o jornal avançado a *Democracia*, de que foi sempre redactor effectivo, estando continuamente na brecha, mostrando-se polemista vehemente e habil, e jornalista distinctissimo.

Na camara, Osorio de Vasconcellos pronunciou muitos discursos notaveis, sendo o ultimo um brilhante improviso acerca da morte de Victor Manuel, discurso que fez grande sensação em Italia, onde foi traduzido e publicado em muitos jornaes.

Por esse tempo Osorio de Vasconcellos, que era um rapaz de uma robustez extraordinaria, começou a padecer da doença que d'alli a poucos annos o havia de matar — a lesão no coração.

A doença principiou a minal-o, a emmagrecer-o, a obrigal-o a afastar-se dos trabalhos da politica e do jornal.

Pensava em escrever uma obra importante, e seria a *Historia da Revolução de 1820*, mas teve de adiar o seu trabalho por causa da doença. Mal sabia elle, coitado, que o addiava indefinidamente. D'essa doença medonha que o avassallou, houve um momento de esperanças, mas esperanças que depressa se esvaeceram.

Ha quatro mezes Osorio de Vasconcellos teve sensíveis melhoras; começou a voltar-lhe a sua ruidosa alegria antiga, e como que a querer resurgir a sua antiga robustez.

Sentindo-se melhor, sentindo-se renascer para a vida activa do jornalismo, Osorio escreveu então um bello artigo — *O historiador Lanfrey*, para a *Chronica moderna*.

Estivemos com elle n'esse tempo, e tambem tivemos esperanças, mas perdemos-as em breve.

Osorio de Vasconcellos, d'alli a dias partiu para a sua querida Beira, que todos os annos visitava. Pouco tempo depois, soubermos que tinha pelloredo: uma pneumonia viera-lhe apressar a morte, que a lesão do coração tão bem preparava, e no dia 27 de junho ultimo, expirava em casa de seu tio, João Baptista de Castro, em Mangualde, satisfazendo um desejo que manifestara ha pouco tempo em Lisboa — o de ir morrer á sua Beira.

Osorio de Vasconcellos era um homem de bem, um amigo leal e dedicado, um escriptor illustradissimo, cheio de talento e de actividade, um politico energico e audaz.

A sua morte foi sentida por todos, amigos e adversarios, porque estes mesmos, até nos ardores da lucta, tinham aprendido a admirar n'elle o talento brilhante, a estimar o caracter honrado.

G. L.

O ultimo artigo que Alberto Osorio de Vasconcellos escreveu, foi o que publicámos em o n.º 90 do OCCIDENTE, a respeito do conselheiro José de Azevedo Pereira da Silva.



MARQUEZ DE ANGEJA — Fallecido em 1 do corrente
(Segundo uma photographia de Fonseca)



ALBERTO OSORIO DE VASCONCELLOS — Fallecido em 28 de junho de 1881
(Segundo uma photographia)

O CENTENARIO DE STEPHENSON

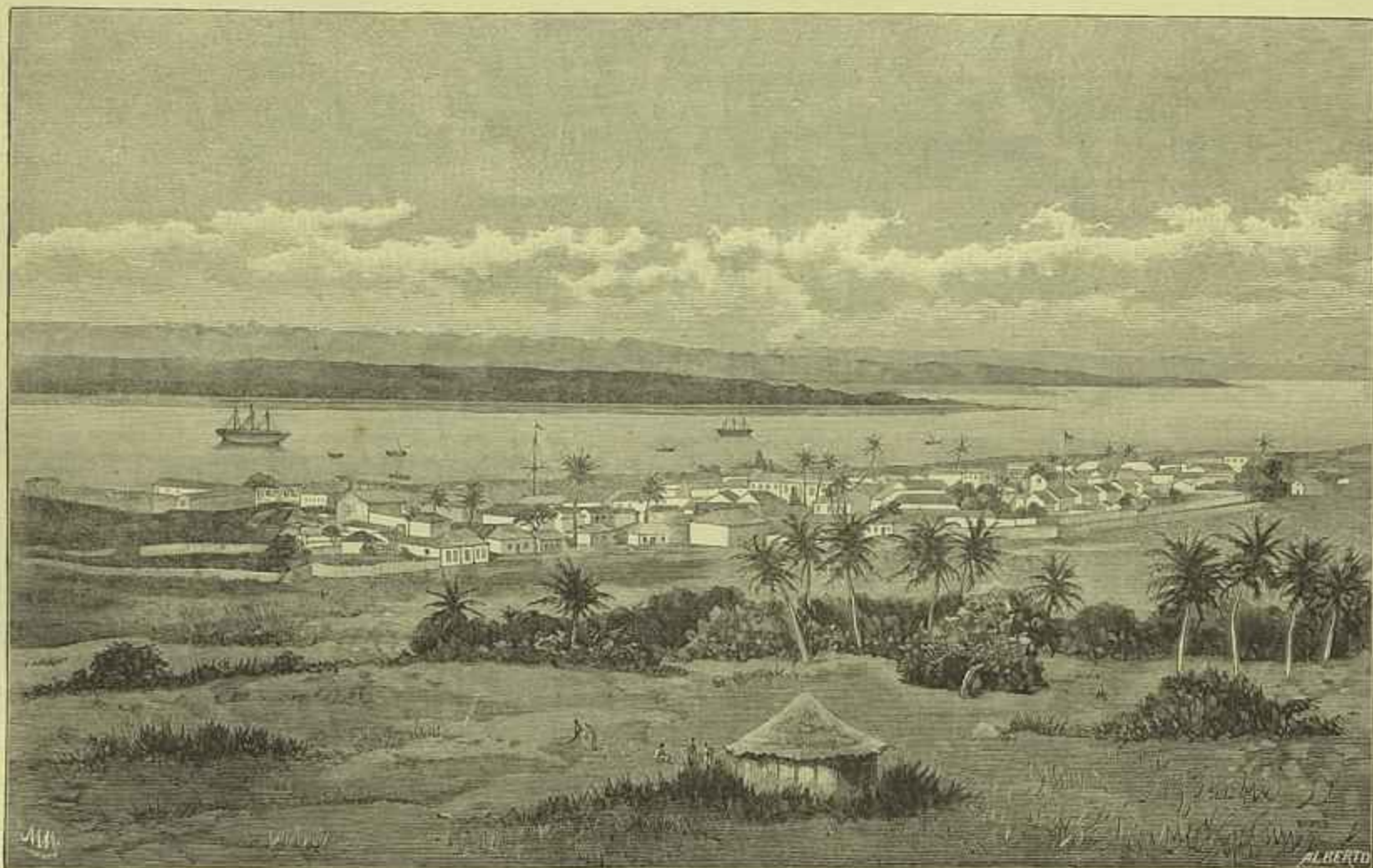
Os inglezes apesar de possuirem a litteratura poetica mais rica que se conhece, mesmo sem contar com os poetas americanos, são tão

praticos, tão positivos que escolheram para uma celebração nacional o centenario de Stephenson, o invenotr da locomotiva a vapor.

O centenario d'este grande homem a quem a civilisação deve um dos seus maiores progres-

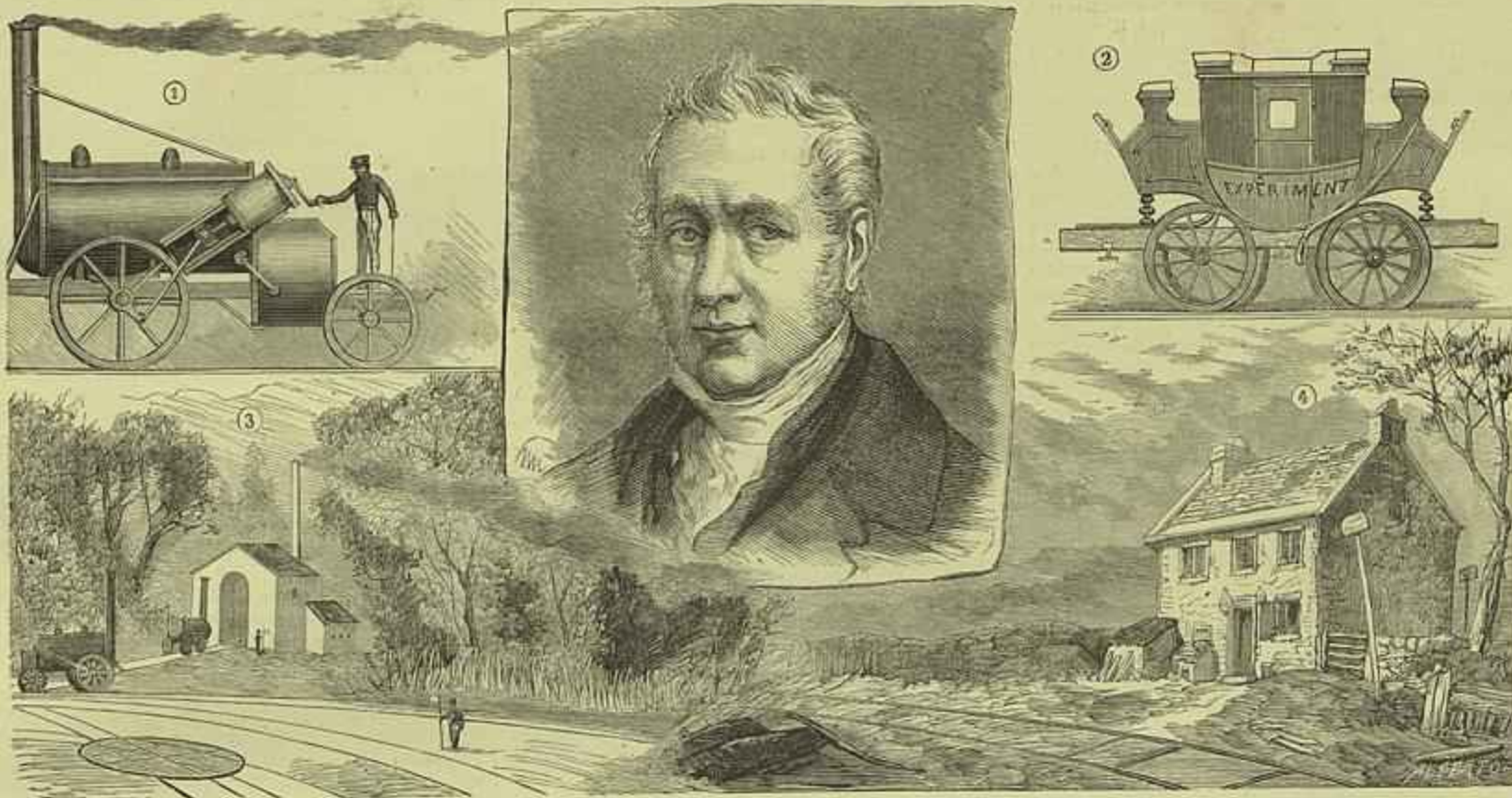
sos, celebrou-se com toda a pompa em todo o reino unido no dia 9 de junho ultimo.

Fazia n'esse dia cem annos que George Stephenson tinha nascido em uma pequena aldêa de Inglaterra, Wylam, proximo de Newcastle,



AFRICA PORTUGUEZA — LOURENÇO MARQUES, VISTA DE NORDESTE (Segundo uma photographia)

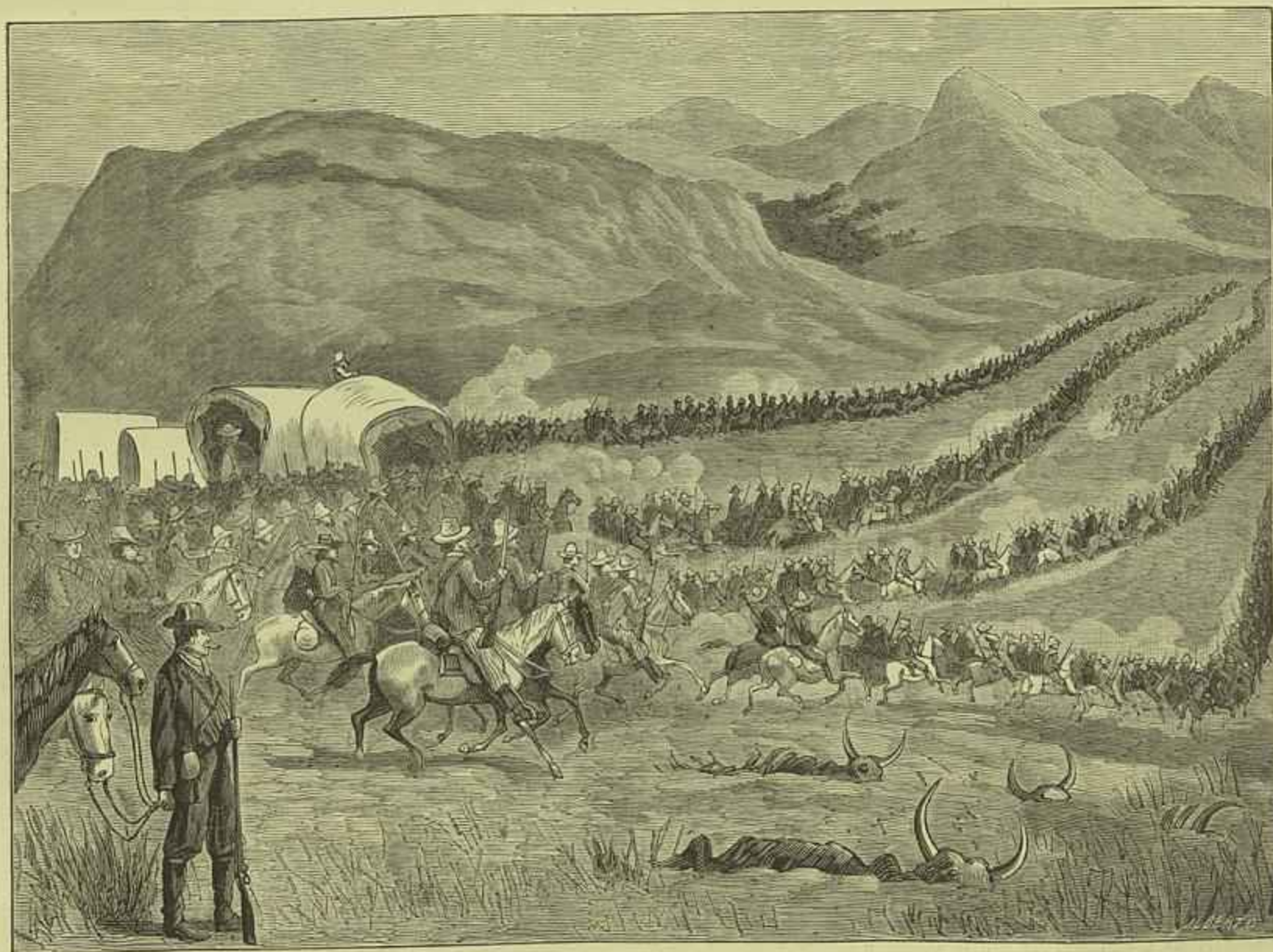
CENTENARIO DE STEPHENSON



1 A primeira locomotiva
3 A primeira estação em Liverpool

GEORGE STEPHENSON
(Desenho de M. de Macedo)

2 O primeiro wagon de passageiros
4 Casa onde nasceu Stephenson em Wylam



CAMPAHA DO TRANSVAAL — EVACUAÇÃO DE LAING'S NEK PELOS BOERS

seu pai era um mineiro que ganhava um pequeno salário, e George foi o segundo dos seus seis filhos, e o mais celebre de todos, apesar de não ser o único que deixou um nome cheio de gloria.

Ao principio guardador de vacas foi depois mineiro, como seu pai, mas mais intelligente que elle, estudando ao mesmo tempo com amor, alcançou dentro em pouco um logar superior ao seu.

Aos vinte e um annos casou, e aos trinta e tres fez andar pela primeira vez (1814) uma pequena locomotiva a vapor, invenção sua, para transporte de carvão da mina. Esta machina e outras que elle foi successivamente aperfeiçoando estiveram por muito tempo ignoradas. Por fim Stephenson ajudado por um capitalista, conseguiu experimentar em mais largas porções, a sua locomotiva, construindo uma via ferrea entre dois grandes mercados de carvão, unicamente para o transporte d'este mineral porque ninguem pensou n'esse tempo em servir-se d'essa locomotiva para transporte de passageiros. Stephenson não era engenheiro e lutou muito para levar avante a sua invenção. Encontrava sempre nos engenheiros a quem incumbia de realisar os seus planos a palavra «impossivel.» Por exemplo, os engenheiros d'então diziam-lhe que uma locomotiva a vapor não poderia nunca percorrer doze milhas por que seria repellido pelo vento, etc, etc.

Vencendo todas as difficuldades, porém, George Stephenson e seu filho Ricardo conseguiram dentro em pouco apresentar ao publico a sua machina *Rocket*, — a mãe das poderosas locomotivas modernas, e de que damos o desenho no nosso jornal — e então applicando a sua invenção ao transporte de passageiros, Stephenson fez a celebre propheta de que todos riram então: — de que em breve viria o dia em que seria mais barato para um operario viajar em caminho de ferro do que viajar a pé.

Em 1824 alguns dos principaes capitalistas de Manchester e Liverpool propozeram a creação d'um caminho de ferro a vapor para transporte de viajantes entre aquellas duas cidades. O parlamento cheio d'empenhos dos proprietarios dos terrenos a expropriar, dos donos de deligencias e dos inimigos de Stephenson recusou a proposta. Mas na sessão seguinte os pretendentes voltaram com a sua proposta, que foi então approvada, sendo immediatamente Stephenson chamado para dirigir os trabalhos da construção da linha ferrea.

Esses trabalhos foram cheios de difficuldades, a linha tinha que atravessar terrenos pantanosos que os engenheiros diziam incompetentes para sobre elles assentar uma estrada solida, mas Stephenson perseverou e venceu, e em setembro de 1830 abriu-se a linha ferrea entre Liverpool e Manchester, com grande solemnidade, com todo o regosijo publico com que se celebra um grande acontecimento nacional.

Logo immediatamente começaram-se a fazer outras linhas ferreas, sendo chamado para as dirigir Stephenson.

A fortuna do grande inventor estava feita: os caminhos de ferro propagaram-se com a rapidez espantosa que este seculo tem visto aperfeiçoando-se de dia para dia, e em 12 de maio de 1848, George Stephenson morreu em Chesterfield, honrado e respeitado, tendo deixado ha muito tempo o posto a seu filho e passando os seus ultimos annos no cultivo do seu jardim, das flores e dos fructos, a sua paixão depois do carvão de pedra e do vapor.

A sua memoria erigiram-se varias estatuas, sendo a mais notavel, pela semelhança, a que se erigiu diante da estação de Turim. No dia do seu centenario a companhia dos caminhos de ferro de Roma collocou na sua estação uma lapide commemorativa.

E' justo recordar, o que alliás é geralmente ignorado, que Stephenson não foi o unico que fez as primeiras tentativas da viação a vapor.

São do seu tempo e mesmo anteriores, as experiencias de Trevethick, Helley, Harkworth, e outros constructores de locomotivas, mas foi a Stephenson que coube, por ser o mais pratico

a honra de desenvolver a viação a vapor, encontrando um poderoso auxiliar pecuniario em Henry Peaze, o celebre quaker, e na voz autorizada do grande sabio sir Jonh Lubbock, que foi o ardente defensor dos caminhos de ferro no parlamento inglez.

Como já dissemos Jorge Stephenson não foi o unico homem notavel da sua familia, seu irmão William foi um engenheiro muito celebre e deve-se-lhe a construção da arrojada e colossal ponte-viaducto que atravessa o rio Tyne em New-Castle, sua cidade natal, ponte de dois pizos, cujo arco de suporte é considerado ainda hoje o primeiro no genero.

Roberto, o filho de Jorge Stephenson seguiu as pizadas de seu pai, e foi tambem distinctissimo.

Na nossa gravura damos o retrato do celebre George Stephenson, o desenho da primeira locomotiva, do primeiro wagon de passageiros, da primeira estação em Liverpool e da casa onde nasceu este benemerito da humanidade.

R.

LOURENÇO MARQUES

(Conclusão)

Historiámos nos precedentes artigos as vicissitudes variadissimas porque passou o nosso precario estabelecimento de Lourenço Marques desde o seu descobrimento até os nossos dias. Vejamos agora qual a situação que lhe poderemos preparar n'um futuro brevissimo se não hesitarmos em applicar ao conveniente logar do braço da alavanca os nossos esforços vigorosos.

Lourenço Marques é o melhor porto de toda a Africa Austro-Oriental desde Moçambique até ao Cabo da Boa Esperança, e o unico que pôde afoitamente ser demandado por navios da maior lotação tanto de dia como de noite.

Pela sua situação já fora, mas proximo do tropico do hemispherio Sul, offerece a colonisação das Europeas no territorio que margina a bahia um clima regularmente salubre, e no seu solo uberrimo todos os mais appeteciveis predicações do desenvolvimento de uma opulentissima agricultura.

Por outro lado Lourenço Marques é o porto natural do rico territorio da republica do Transvaal, não só por que d'elle dista menos do que o de Durban em Natal ou qualquer outro, mas especialmente porque as suaves condições orographicas do paiz circumjacente, são as mais favoraveis que é possível para a facil instalação da viação accelerada em larga escala.

Com o estreitamento das relações entre o littoral e o Transvaal por intermedio de Lourenço Marques prosperarão extraordinariamente os dois paizes, secundar-se-hão com a vara magica da civilisação de fora todas as riquezas latentes que ali fazem inexploradas, facilitar-se-ha a immigração de gente laboriosa e diligente, e teremos cumprido por nossa parte a divida que para com o mundo contrainamos descobrindo ha seculos aquelle porto, conservando-o durante crises difficillimas, e disputando-o a outros povos com toda a força da justiça da nossa causa.

As communicações de Lourenço Marques com o Transvaal ainda até hoje não poderam ser estabelecidas de uma forma efficaç e pratica. Construiu-se ha annos uma estrada carroeira na direcção dos campos d'ouro de Pilgrim's Rest no districto de Leydenburg, mas de pouca utilidade veio a ser em consequencia da larga zona de sortão por ella atravessada e infestada pela mosca *tsetse* que mata com a sua picada todo o gado cavalari, bovino, asinino e outros.

Penso-se naturalmente em um caminho de ferro como sendo a unica solução do problema, e acerca d'elle se fez com o governo da republica em 1876 um tratado especial. Um engenheiro inglez, o sr. R. T. Hall já vantajosamente conhecido na colonia do Cabo pela construção de um caminho de ferro em condições difficillimas desde porto Nollsh até ás minas de cobre de Okiep, foi encarregado de fazer um reconhecimento geral do paiz desde Pretoria até Lourenço Marques, e um estudo approximado do traçado desde um ponto que servisse de terminus temporario em Klotopale, já além da região da mosca, até á bahia.

Esses estudos lançaram muita luz sobre o assumpto e mostraram que era possível e facilmente realisavel aquelle grandioso empreendimento.

Acontecimentos posteriores vieram retardar desastrosamente a obra da prosperidade dos dois paizes. O clime do porto de Natal, rival do nosso, começou a manifestar-se por todas as formas, e a annexação do Transvaal á Grã-Bretanha deu o golpe de morte na questão do caminho de ferro. A politica pouco esclarecida e muito egoista de sir Theophilo Shepstone e dos seus satellites destruiu as esperanças em flor de todos os que acreditavam no futuro de Lourenço Marques e do Transvaal.

Depois d'isso engenheiros portuguezes fizeram os estudos minuciosos e definitivos do caminho de ferro de Lourenço Marques á fronteira, e um engenheiro inglez continuou-os d'alli até Pretoria; estão feitos os organogramas, estão feitos os estudos economicos e financeiros das circumstancias dos dois paizes que provam á evidencia que o caminho pôde e deve ser feito, e falta

apenas que o braço forte de um ministro ordene o *factum*.

Construido o caminho e regularizada a nossa politica na Africa austral com a politica do Transvaal e com a das colonias inglexas, vizinhas, de forma que umas ás outras se ajudem em vez de se hostilizarem, veremos Lourenço Marques dentro de dez annos convertido na Bombaim da Africa.

AUGUSTO DE CASTILHO.

A CAMPANHA DO TRANSVAAL

E' geralmente sabido dos nossos leitores, que a republica do Transvaal foi violentamente annexada por Sir Theophilo Shepstone á corôa da Grã-Bretanha em 12 de abril de 1877, e que esse acto injustificado, arbitrario e despotico, foi sancionado pelo parlamento de Inglaterra e pelo ministerio conservador, dirigido então por Lord Beaconsfield.

Apesar da indignação que o facto então produziu em varias nações, como elle não foi seguido por uma reacção armada da parte dos boers, suppoz-se com razoaveis motivos, que os boers haviam pacificamente accetado a mudança de regimen, que a haviam mesmo estimado, e por isso a indignação do primeiro momento, transformada em habito com o tempo, converteu-se, definitivamente, na mente d'aquelles pelo menos, que não estudaram attentamente as phases d'esta questão, em convicção intima de que a annexação fora com effeito opportuna e necessaria. Os que a principio a suppunham um acto de ambição do ministerio que affirmara com o titulo de imperatriz, a corôa vacillante da India na frente da sua graciosa soberana, esses mesmos se foram gradualmente convencendo de que o seu procedimento para com o Transvaal havia unicamente sido guiado por sentimentos generosos, humanitarios e altamente desinteressados de uma orgulhosa potencia, que tende a enraizar em Africa o seu predomínio exclusivo.

Infelizmente, porém, os factos não justificaram esta persuasão; e a analyse dos acontecimentos posteriores demonstrou, de uma maneira evidente, a falsidade das bases em que assentara a annexação e a pouco seria semceremonia com que ella foi realisada.

Logo depois de abril de 1877, o povo do Transvaal, convencido de que o governo de Inglaterra havia sido mal informado pelo seu commissario, tendo confiança na austera justiça do seu direito, e esperando que quando os factos fossem devidamente representados perante o governo na Europa, seriam immediatamente annullados, resolveu enviar a Londres dois representantes seus para exporem perante o ministro das colonias, Lord Carnarvon, a maneira como as coisas se tinham passado.

Os dois commissarios, Paulo Kruger, ex-vice presidente da republica, e o dr. Jorissen, ex-procurador geral d'ella e secretario de estado nos negocios estrangeiros, empregaram as mais energicas e convenientes diligencias para convencerem o ministro, da injustiça do acto praticado, mas nada conseguiram. E depois, o dito ministro informou-os de que posteriormente á saída d'elles do Transvaal, se havia operado uma notavel mudança no modo de pensar do povo do paiz, o qual acceitara os factos como inevitaveis e indispensaveis, e folgava mesmo sob o novo governo que lhes dava melhores garantias de força e de segurança, do que o hesitante governo do presidente Burgers o haveria podido fazer.

Kruger e Jorissen não poderam então desmentir o ministro, e por isso ficaram por elle vencidos, com quanto não convencidos, e partiram outra vez para a Africa, onde reconheceram que haviam sido illudidos, não intencionalmente pelo ministro, mas pelas falsas informações que este recebera do seu representante Sir Theophilo Shepstone.

Depois do mau exito d'estas primeiras diligencias, resolveram os boers mandar nova deputação á Europa, apoiada n'uma representação, assignada por mais de 6:000 dos eleitores do paiz, o que era a quasi totalidade d'el-

les. Esta deputação que se compunha do mesmo Paulo Kruger e de Piet Joubert, que já fora presidente interino da república, encontrou no ministro Sir Michael Hicks Beach, a mesma systematica e altiva opposição que encontrara no seu predecessor, e voltou novamente ao Transvaal desanimada e sem ter esperança alguma de obter para o seu paiz a reversão da politica absorvente e insaciavel da Inglaterra.¹

Celebraram-se varios meetings no paiz, discutiu-se por todos os lados a questão da usurpada independencia de um estado, que queria e sabia ser livre e autonomo, mas não tinha chegado ainda o momento de se empregarem os meios violentos para se rehaer essa perdida independencia. E como o governo inglez presenciava essas explosões pacificas de patriotismo, tomou-as como bravatas pouco convicidas, costumou-se a ellas, e julgou nada dever recear de taes manifestações, aliás multiplicadissimas.

Ao governo de Sir Theophilo Shepstone, que mais ou menos directamente acarretara para a Inglaterra, pela sua dobléz, a grande difficuldade da guerra da Zululandia, seguiu-se o governo não mais esclarecido, e por ventura mais autocratico e despotico ainda, do coronel Sir Owen Lanyon, o qual em vez de diligenciar insinuar-se pela sympathia de medidas liberaes, forcejava implantar-se pelo predomínio da espada, e pela suffocação dos direitos do povo.

Sir Bartle Frere, que em principio da campanha da Zululandia visitou o Transvaal, para vêr se acalmava a effervescencia que já reinava por todo elle, recebeu uma nova mensagem, dirigida pelos boers á rainha e pedindo-lhe justiça. Disse, porém, s. ex.^a que era mais facil que a agua dos rios corresse para as suas nascentes, do que o Transvaal deixar de ser parte integrante do imperio inglez.

Em fins d'esse mesmo anno de 1879, foi ao Transvaal Sir Garnet Wolseley, para installar de uma forma mais liberal, a administração do paiz, e para o dotar com um simulacro ao menos de parlamento, que dêsse ao povo garantias, de ser no futuro menos pessoal e autocratico, o governo d'elle. Sir Garnet Wolseley, porém, que é um brilhante e afortunado general, não tem o fino tacto de conciliador, tão indispensavel em um alto funcionario da sua elevada cathedra. Sir Garnet Wolseley, declarou em um discurso publico em Pretoria, que em quanto o sol brilhasse no firmamento, o Transvaal não deixaria de ser inglez!

Ainda mais: O sr. Gladstone, o chefe venerando do partido liberal da Grã Bretanha, aquelle que em quanto estava na opposição estigmatizara o acto da annexação do Transvaal como sendo um acto iniquo e vergonhoso, acto que elle repudiaria sem hesitação, se alguma vez voltasse aos conselhos da corôa, esse mesmo sr. Gladstone, que succedea a Lord Beaconsfield na presidencia do conselho de ministros, respondeu a uma mensagem que os boers sem demora lhe mandaram, recordando-lhe as suas palavras, que a soberania da rainha sobre o Transvaal não podia ser retirada.

Foi então, e só então, que os boers se convenceram, que depois de esgotados todos os meios de paz, só lhes restava confiarem a decisão da sua causa á sorte das armas. Convocou-se um grande meeting, e n'elle se assentou que a 8 de janeiro d'este anno se proclamaria a república e se deporia o governo intruso.

(Continúa)

AUGUSTO DE CASTILHO.

JOÃO PAES DE VASCONCELLOS

Damos hoje o retrato do sr. João Paes de Vasconcellos que por muito tempo foi capitão da guarda municipal de Lisboa, e ultimamente nomeado governador de Cabo Verde, para onde partiu no dia 5 do corrente mez. O sr. João Paes de Vasconcellos é um militar distincto e illustrado, e durante a sua carreira tem dado provas de energia, bom senso e honestidade.

Nasceu em 1816, foi alumno do Real Collegio Militar, onde completou o curso e fez, como sargento aspirante de cavallaria, o primeiro anno da escola polytechnica com distinctão a uma arma scientifica.

Morrendo-lhe entretanto o seu paiz, o sr. Paes de Vasconcellos abandonou o curso scientifico pelo curso de cavallaria, que era de conclusão mais rapida.

Em 5 de Dezembro de 1865 foi promovido a alferes, em 14 de fevereiro de 1872 a tenente, e em fevereiro de 1877 a capitão.

Ha muitos annos que servia em commissão na guarda municipal, onde era muito estimado.

G.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

O sr. Consiglieri Pedrosa, joven professor, do Curso Superior de Letras, que se tem dedicado aos estudos ethnographicos, nomeadamente aos que se referem aos usos e ritos populares, em poucos annos tem colligido já, em varios pontos do reino, muitas noticias relativas ás crengas do nosso povo, e aos contos entre elle espalhados pela tradição. Fructo d'essas pesquisas são as duas collecções importantes, começadas a publicar sob os titulos de: *Estudos de mythographia portugueza* e *Contribuições para uma mythologia popular portugueza*, onde já estão reunidos varios elementos do mais alto interesse, para o exame das questões que se ligam com a origem e transmissão de todas as tradições. Nesta sessão do congresso apresentou uma nota extrahida do trabalho em via de complemento e que como aquelles é importantissimo para o estudo das relações e origens, e se intitula: *Algunhas formas do casamento popular em Portugal; contribuições para o conhecimento do estado social dos antigos habitantes da península iberica*. Depois de varias considerações diz o illustre professor: que aquelle que conhece os bellos trabalhos de sir John Lubbock e de Tylor relativos á civilização dos selvagens e a importante obra de Mac-Lennan sobre o casamento primitivo e as formas mais rudimentares da familia, se admirará de encontrar entre os usos populares portuguezes, e como realidade existente, sob a forma de symbolo (visto que o symbolo é o ultimo vestigio do costume) restos assaz claros de todos os quasi todos os usos, que se tem reconhecido por partes, constatuando a essencia da familia no extremo inferior da escala da humanidade. Descebrin o raptos nos nossos casamentos populares, perfeitamente caracterizado. Em Jerimello, por exemplo, na provincia da Estremadura, os casamentos realisam-se por este modo: no dia das nupcias, a noiva cercada de seus parentes conserva-se em casa, em quanto o noivo, tambem acompanhado de seus parentes e amigos se dirige á casa onde se acha sua futura esposa; á sua chegada trava-se uma especie de luta, figurando aquelle pretender arrancar violentamente a noiva da casa paterna. A companhia d'esta simula uma resistencia, fingindo finalmente ceder á força, findo o qual acto todos se dirigem á igreja, concluído tudo pela benção sacerdotal.

Em Miranda do Douro, varia o costume, e o combate trava-se entre o joven par. Desde o momento em que uma rapariga está contractada a casar com um mancebo, e dias antes das nupcias, realisa-se um encontro entre os dois nupcias, onde combatem, punho cerrado, a socco, sem que ninguém tenha direito de intervir n'esta luta singular, para a fazer cessar. Mais ou menos modificado pôde ainda reconhecer-se este costume no caso seguinte: em Sendim, cercanias da Ilhega, quando um mancebo de qualquer aldeia proxima, ali se dirige para pedir em casamento uma donzella, é recebido á pedrada, pela gente do logar, que procuram, ou fingem procurar impedir a realisação do seu designio. Se por ventura o casamento se verifica, no dia das nupcias, quando os noivos saem da igreja, acham os caminhos trancados e vedados, e para passarem para casa, é mister que o novo marido pague uma especie de direito d'essa passagem em dinheiro. Este curioso costume, por isso que apresenta vestigios do casamento por meio do rapto, dá-nos tambem o fio de uma antiga exogamia, modificada já pelo resgate symbolico da esposa, representado aqui pelo dinheiro que o marido paga afim de ter a faculdade de se retirar em paz. Em Thomar, ainda, no dia das bodas vai o noivo acompanhado de testemunhas buscar a noiva, que o espera em casa da madrinha. Quando elle apparece a moça oculta-se atraz da porta, e a madrinha só lhe permite que d'alli saia, depois de ter obtido d'elle respostas a certas perguntas que lhe dirige. Em Barroso tambem ha um costume quasi semelhante.

Numa aldeia perto da Guarda, ainda este costume é revestido de outras circunstancias. Antes de sair da casa paterna para ir á igreja, a noiva encerra-se n'um quarto acompanhado de todas as suas jovens amigas solteiras. O noivo, quando chega, bate á porta do quarto, que lhe não abrem sem que haja respondido a um certo numero de perguntas que se lhe fazem do interior. Acabado o dialogo, esconde-se a noiva, e o mancebo tem de procurar-a por toda a parte, até que tendo-a encontrado, a traz em triumpho, indo de lá á igreja concluir o acto.

Em algumas aldeias da Beira, ainda se encontra a seguinte variante: tudo se passa no modo regular até ao acto religioso, mas apenas este se conclue, dá-se então uma scena muito singular. Os convidados, que compõem o cortejo: cada um munido de um pedaço de pão de rala ou de semente, atiram-n'o aos espectadores, fingindo defenderem-se contra a persigência do povo, que quer roubar a desposada. É uma desordem, que simelha um verdadeiro combate.

O sr. Consiglieri Pedrosa assegura que seria facil descebrir outras variantes d'esto costume, do que elle tem conhecimento, nomeadamente em certas partes da pro-

vincia da Beira, que devem apparecer systematicamente colligidas n'um trabalho que prepara sobre este assumpto. Mas os vestigios de uma antiga organização de familia, não se limitam ao facto do rapto, ha muitos outros costumes tambem dignos de attenção.

Diz o illustre professor, que fazendo estudos sobre as superstições populares portuguezas da idade media, teve necessidade de ler um grande numero de *Constituições* dos bispos, encontrando por essa occasião uma prescripção, que muito tempo tivera como incomprehensivel. Trata-se da defeza ou prohibição, sob penas rigorosas, da cohabitación antes do casamento. A defeza parece referir-se a um uso paraistente, e não a uma simples infracção individual, das leis que presidem ás relações dos dois sexos, como qualquer se pôde convencer, vendo que a prohibição se repete durante um seculo, desde a primeira *Constituição* impressa (principios do seculo XVI) até á ultima (principios do seculo XVII). O illustre professor assegura que o uso era commum em todo reino, por isso que a prescripção nos apparece invariavelmente em todas ou quasi todas as *Constituições*, desde as de Braga e Guarda ao norte, até ás do Algarve ao sul. Não nos parece tão concludente este argumento, como se affigura ao esclarecido professor. É natural que quando cada bispo foi organisando as suas constituições, lhe servissem de base as já conhecidas de outros ou outros, e essas prescripções fossem passando de umas para as outras, como facto que se já muitas vezes, mas não como universalmente e por costume usado. Não devendo esquecer que pelas prescripções theologicas, aquelles que cohabitavam antes do matrimonio, precisam para o contrahir de uma dispensa, que é sempre concedida, mediante uma penitencia publica, podendo ser que as *Constituições* tendessem a evitar esse caso, aliás frequente, para poupar os seus diocesanos áquella especie de desaire.

Segundo o raciocinio do sr. C. Pedrosa, pergunta elle qual seria este costume, contra o qual o clero catholico lançava o seu anathema, sendo impotente para o desarraigal? Não é um facto singular, por isso que a permanencia da prohibição prova o contrario. Tambem ao não pôde crer n'um protesto, da parte do povo, contra o casamento religioso, n'um paiz tão catholico, nomeadamente n'aquella epoca. Qual é, pois, a significação do costume, de cuja existencia se não pôde duvidar? O sr. Pedrosa confessa que se achou por muito tempo indolente, e é com grande reserva que apresenta a hypothese de que o costume parece ser o ultimo vestigio de uma organização familiar, na qual reinava uma grande liberdade entre os dois sexos antes do casamento, uma organização mais ou menos polyandrica. Esta maneira de interpretar o uso em questão recebe, quanto a elle, perfeita confirmação, aproximando-o da dois curiosos costumes, ainda em vigor em alguns pontos do nosso paiz, nomeadamente o ultimo, que deve ser ollhado como commentario do uso existente.

Afirmaram ao sr. Pedrosa que no logar da Magdalena, cercanias do Porto, alguns dispostos tem ainda o costume de cohabitarem antes do casamento. Ha porém um ponto, onde este costume existe sob uma forma tão perfeitamente caracteristica, que não deixa duvida quanto á sua importancia tradicional; é n'uma aldeia da região denominada dos saloios nos arredores de Lisboa, cuja população conserva numerosos usos antigos e altamente interessantes.

As donzellas que chegam virgens, á idade de deseseis annos pouco mais ou menos, são ali objecto de mofa e zombaria, de modo que para evitarem esta vergonha, ellas se entregam facilmente ao primeiro que lhes faz a corte e as solicita, continuando estas ligacões temporarias, e pouco recomendaveis quanto á pureza dos costumes, até ao momento de conceberem. Então começa para ellas um novo genero de vida. Aquelle que se julga causa da concepção, desposa a nova mãe, sem attenção ao seu passado. Tornam-se ellas em seguida regularmente esposas dignas, e nada as distingue d'aqui em diante das mulheres honestas. Não recorda este facto de uma maneira indelevel o que nos conta Herodoto das virgens de Babilonia, que deviam entregar-se, ao menos uma vez antes do matrimonio, no templo de Venus a qualquer estrangeiro, depois do que se tornavam esposas sem mancha?

Tambem conhecemos factos semelhantes na Laponia, referidos nas viagens de Legnari, e na Tunisia, entre as tribus beduinas, segundo algumas publicações recentes. O intelligente professor assegura que tinha serios motivos para esperar das investigações, a que continua a proceder, novos factos, que virão confirmar, em breve, a existencia de vestigios d'uma antiga polyandria pa-nisular na ultima carada da população portugueza.

Ha ainda um uso que reconhece em algumas localidades do nosso paiz, de grande importancia tradicional em Mac-Lennan no livro citado pag. 316 e 317. Em Mantigas por exemplo, pequena aldeia nas cercanias do Porto, nos casamentos populares os noivos não podem dormir juntos senão quatro dias depois do seu enlace. Logo que termina a cerimonia religiosa, cada um dos noivos se retira para casa de seus paes, ficando a desposada, os dias defezos, sob a vigilancia da sua mãe, até que findos elles é definitivamente entregue ao marido. Nos arredores da Covilhã o prazo defezo é de tres dias, o que tambem se observa em Lavos proximo da Figueira. Acrescentaremos no que diz o illustre professor, que este uso era geralmente observado em muitas povoações da Beira ainda ha vinte ou trinta annos, com mais ou menos differença, considerando-se pouco decente a junção dos noivos, sem passarem alguns dias depois do acto religioso.

Em Peral, aldeia distante alguns kilometros das Galdas da Rainha, diz o mesmo professor, acha-se o costume no estado da symbolo. Quando ha um casamento as donzellas e mancebos do logar vão á noite bater e fazer grande estrupida á porta dos noivos, para que não possam dormir juntos, o que se repete durante as tres primeiras noites, findas as quaes, cessa o ruido e os noivos podem dormir em paz.

¹ Vide n.º 80 d'este volume.

Ha outros usos e costumes ainda mais para estudar no nosso paiz, talvez a região mais curiosa, n'este ramo da península ibérica, sendo da maior importancia a par do estado paleontologico do homem, a sciencia que se occupa das origens prehistoricas do mundo moral; as quaes são talvez contemporaneas do homem fossil, cujo descobrimento tanta gloria tam dado aos sabios perante quem apresentava os seus trabalhos.

(Continúa.)

R.

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

(Continuado do n.º 91)

II

Não negamos, nem pomos em duvida os factos; as consequências que d'elles se pretende inferir é que nos parecem pouco exactas, por se haverem perdido de vista outros factos, com que se deveria contar. É incontestavel o ardor com que os primeiros padres da igreja se occuparam de estudar a philosophia grega, assim como é verdade não terem existido os exorcistas desde os principios do christianismo; mas serão esses factos o bastante para d'elles se tirar a illação a que alludimos? Supponhamos que não poderá decidir-se este ponto, sem primeiro averiguar, se a crença nos demonios será, como alguns querem, uma particularidade das religiões dos povos aryanos, ou apenas uma das superstições proprias de todas as religiões, e resultantes do desequilibrio entre a elevação das concepções religiosas, e a falta de aptidão intellectual para as comprehender. Ora, se os gregos eram supersticiosos, não o eram menos os hebreus, e talvez o fossem mais ainda. Se não quizermos admitir, como prova da crença nos demonios, as relações evangelicas, que tão claramente se referem a ella, se as não quizermos admitir, ou por as supponhamos de composição muito posterior aos factos que relatam, ou por outro qualquer motivo, ainda assim não faltam nos livros do velho testamento vestígios d'essa crença. E se ella apparece nos «documentos officiaes», digamol-o assim, o que não seria nas lendas populares em que a vida intellectual das nações se manifesta mais amplamente, se retrata com mais verdade do que nos monumentos escriptos, especialmente quando estes procedem de uma casta que monopolisa o saber? E não se transmittiria essa crença, como tantas outras, a dos espiritos bons, por exemplo, que é sua congénere, não se transmittiria a religião nova? Que necessidade haverá de a procurar n'um campo estranho—o da philosophia—quando ella já tinha o seu lugar na religião que ia renovar-se? Que o espirito hellenico fortificasse e desenvolvesse a crença já existente, comprehende-se; mas que a formasse é inadmissivel.

Demais, o estado social, na epocha da formação christã, era bastante para explicar aquelle desenvolvimento, independentemente da influencia do hellenismo, embora este contribuisse muito para esse fim. Contribuiu, sem duvida, não o pretendemos negar; mas contribuiu, repetimos, porque o estado social o favoreceu.

Quando a unidade divina da religião hebraica pretendia substituir-se aos deuses do Olympo, achou os espiritos preparados para admittirem a nova doutrina; nem d'outro modo ella seria aceita. A acção dissolvente da analyse philosophica tinha desfeito as velhas crenças, de tal modo, que já não podiam satisfazer as necessidades do espirito. Comtudo, se o estado intellectual havia chegado a um grau de desenvolvimento incompativel com a religião existente, não havia atingido ainda o indispensavel, para comprehender plenamente o novo principio que se proclamava. Este foi aceite, porque era necessario, depois de repel-

lidas, como falsas, as crenças caducas: mas foi aceite pela fé, não pela intelligencia. D'aqui o desequilibrio a que já n'outro lugar nos referimos, e o desenvolvimento das superstições, como inevitavel consequencia d'elle. Foi um desequilibrio semelhante, que avigorou na philosophia grega a superstição preexistente dos espiritos maleficos. Essa superstição adquiriu na nova sociedade religiosa proporções taes, que determinaram a instituição de um sacerdocio especial. Pela invasão dos barbaros desceu consideravelmente o nível intellectual, e foi justamente na idade media, n'esse largo periodo de sombras, que mais viva se ateou a crença nos demonios. Foi talvez então que, nascida das visões apocalypticas, se formou a

por tres theologos de notoria sciencia. Em seguida foi processado o auctor civilmente, e condemnado na 1.ª instancia, não obstante a concisa defesa do dr. Juan M. Paz Novoa, mas absolvido na 2.ª instancia, depois da brilhante e energica oração do sr. D. Luciano Puga Blanco. — Um livro condemnado pela auctoridade ecclesiastica, é coisa que já não vemos entre nós, e porque foi condemnado? porque na *Egreja fria*, uma das poesias mais concisas do volume, se allude e condemna o antigo direito de asylo ecclesiastico para os criminosos; este facto historico, que teve sua razão do ser, cessou com a diturnidade do tempo, porque introduzindo-se outras idéas na legislação civil, tornava-se prejudicial à sociedade, como outr'ora se houvera tornado util. Outra poesia — *Olhando o chão*, imitação da conhecidissima canção de Beranger — *Le bon Dieu*, a que o poeta deu muito mais desenvolvimento, perdendo por isso o nervo e a força que distinguem as composições do celebre cançãoeiro francez, foi outra das causas da condemnação ecclesiastica e do processo civil. Mas quem lê a *Virgem de cristal*, deliciosa lenda, tão singelamente contada e premiada a 24 de fevereiro de 1877 no certamen de Orense, assim como *Uma boia em Enlób* e o *Gaiteiro*; quem lê *Na morte de minha mãe*, *Bem chegado*, *Nocturno*, *As cartas*, etc., não pôde deixar de reconhecer a injustiça d'aquelle processo, a riqueza do talento do auctor, e quanta alma e coração enchem as suas composições.

Por outro lado, para nós, tem esta collecção, como todas as obras gallegas, do-brado valor, porque sendo aquelle dialecto, a nossa lingua no seu estado ainda de imperfeição e um tanto misturado de castelhano, dá-nos bastantes elementos para a interpretação e conhecimento da origem de muitas palavras, que são ainda vulgares nas nossas provincias, mas se não acham nos dicionarios, e de muitas outras que tem tido certa voga.

Com quanto ás vezes, para o nosso ouvido, seja um pouco dura, a pronuncia de certas palavras gallegas, depois de uma successão de phrases que são perfeito portuguez, agradou-nos muito a leitura dos *Aíres d'a minha terra*, manifestação de um poderoso talento.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS.—BOTANICA.—Lisboa, David Corazzi, editor, 40, rua da Atalaia, 52.—É o n.º 9 d'esta util collecção, que como a maior parte dos antecedentes livrinhos, mantém o bom credito d'esta publicação. Achamos a sua disposição muito regular, condensadas as principais noções botanicas, que vindo depois a ser completadas pela agricultura, jardinagem, etc., distribuem um perfeito conhecimento do reino vegetal pelo publico. Pena é a pouca nitidez das gravuras.

BIBLIOTHECA NACIONAL.—Os bons livros.—*Luiz de Camões*.—*Os Lusíadas*... Lisboa, Pereira e Amorim, editores... rua dos Fanqueiros, 312, 1.º.—Escusamos de encarecer uma empreza d'esta natureza. Assim conhecida é a publicação do mesmo genero, no mesmo formato e com o mesmo titulo, feita em França, tornando vulgares as obras dos grandes escriptores nacionaes e estrangeiros. E esta, em verdade, mais bem impressa e em melhor papel, mas não obstante isso, a utilidade de tal empreza dispensa bem algum defeito. Estreou-se com a obra capital da nossa litteratura — *Os Lusíadas*, — é pena, porém, que a revisão fosse um pouco descuidada, pois se acham muitos versos errados, com falta de palavras, ou com ellas trocadas, pelo que desejamos e esperamos mais cuidado nos futuros volumes.



JOÃO PAES DE VASCONCELLOS.—Novo Governador de Cabo Verde

(Segundo uma photographia)

lenda, ainda hoje viva na tradição popular, da lucta entre o Archânjo e Lucifer.

No lugar d'estes pontinhos deveria estar uma fleira de Ah!... Ah!..., monumento da suprema consolação que a gente sente, quando topa sobre quem desabar uma boa estopada; comtudo, abstenho-me d'essa manifestação de jubilo, por deferencia para com a optica.

Se o leitor, por acaso ou de proposito, perdeu o fio á conversa, fique certo que não perdeu grande coisa; nem se afflija com isso, que não vale a pena; temos um bello remedio; é voltar atraz no artigo seguinte.

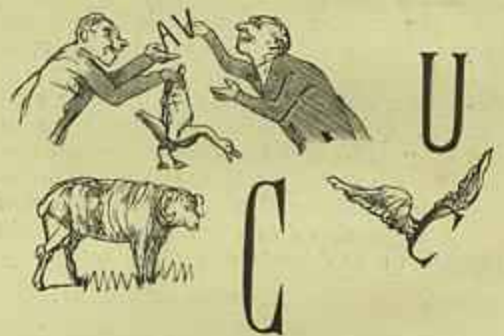
DELFIN D'ALMEIDA.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

M. CURROS ENRIQUEZ. *AÍRES D'A MISA TERRA*, collecção de poesias gallegas — segunda edição integral augmentada com algumas inéditas... con el retrato del autor. — Administración La Ilustración Gallega y Asturiana — Calle de Leon, numero 12, principal, Madrid, 1881. — Poucos livros tem adquirido modernamente tanta celebridade entre os nossos visinhos como esta pequena collecção de poesias. Ao seu valor real, como manifestação de uma poderosa individualidade, accresce a circumstancia de ter sido condemnado por um edicto do bispo de Orense «por conter proposições hereticas, blasphemias, escandalosas, e algumas que merecem outra censura» edicto lido por todos os parochos d'aquella diocese, no ofertorio da missa do dia, e publicado no respectivo *Boletim ecclesiastico*, e isto depois de ter sido examinado mediante ordem do bispo,

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Carro que canta a seu dono avança.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMENT FRÈRES, Typ. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6